Estátuas a Lampião

Raimundo Girão

Veja-se que falo no plural, pois muitas, inúmeras serão, e não demorará muito, as que vão ser levantadas ao grande brasileiro, Virgulino Ferreira da Silva, nas maiores cidades deste nosso continental País, notadamente no Nordeste. País que ele tanto serviu, durante vários anos, fazendo pleno jus às homenagens que lhe vêm sendo prestadas ... com invertida justiça.

Lampião, alcunha do admirável pernambucano de Serra talhada, valoroso combatente, com o seu famigerado grupo, a fugir sempre das polícias estaduais em sua perseguição, o guerreiro indômito tem sido objeto e conteúdo de quantos querem tema para as suas publicações livrescas, jornalísticas, televisionadas e outras como tais. Desde os espontâneos versos de livrinhos de cordel até livros de consagrados vates e escritores: romances, obras poéticas, tomos de reportagem, peças de teatro, filmes de cinema sucedem-se e são devoradamente lidos ou assistidos pelos que, incautos, se comprazem em conhecer, por esses meios de comunicação, as investidas do banditismo, do marginalismo contra a ordem constituída e o bem-estar comum. Leio o bem feito editorial do jornal O POVO, edição de 19 de setembro passado, sob o título – "O Caldo de Cultura ainda fervente" e dou com esse tópico: "De Lampião, o menos que se pode dizer é que nas livrarias de Fortaleza estão expostas pelo menos seis obras sobre sua vida e morte, e, outras, ao que se sabe, acham-se a caminho do prelo".

E a coisa vai além: uma das nossas redes de televisão, de responsabilidade e extensão internacionais, faz pouco tempo empregou o seu enorme prestígio promovendo a ida de familiares do extraordinário cidadão brasileiro até o local em que, com os seus facínoras, ele foi sumariamente liquidado pelas tropas legais, com as respectivas cabeças cortadas para melhor documentação do fato; e não me admirarei se, ali, naquele esconderijo

de locas e de pedras, não for erguido um Memorial do tamanho daquele, ou maior, que se construiu em Brasília em honra do Presidente Juscelino!

O endeusamento do bandoleiro insigne toma vulto e já o consideram um mito. E (onde está o juízo dessa gente, meu Deus!), na última parada cívico-militar de 7 de setembro, a maior de nossas festas patrióticas, ao lado dos garbosos militares de todas as Armas – Exército, Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar, Corpo de Bombeiros, Colégio Militar, e ao lado de guapos jovens representantes dos diversos colégios particulares da nossa Capital, lá estava desfilando vaidoso, ao som dos tambores, ao lado de sua rameira Maria Bonita, o valoroso Lampião, com a sua roupa típica, o seu chapéu de couro agaloado, que já fez moda , com o seu bacamarte a tiracolo, os seus cintos de cartucheiras e o seu apavorante punhal de meio metro de comprimento!!! E aqui forneço um esclarecimento: dias antes do desfile, fui procurado, em nossa casa, por dois professores encarregados da organização da parada da Independência, a fim de me consultarem sobre certos pontos da caracterização dos desfilantes. Ao ver que entre estes estaria prevista a presença simbólica de Lampião e sua amante, fiz-lhes ver ser contra-senso injustificável que, numa homenagem à Pátria, figurasse o execrado jagunço. Concordaram comigo... e o jagunço desfilou. No citado editorial do O POVO encontro estoutro período: "Espanta e choca que um personagem de tal quilate, com todos os seus antecedentes, seja quase transformado em herói da noite para o dia (refere-se a outro ilustre brasileiro – o Fernando da Gata). Acontece, porém, que como todos os bandidos, o marginal, nascido no sertão do Ceará e abatido pela Polícia de Minas Gerais não é apenas um grão de areia que tentou, a seu modo, fitar as estrelas. É um descendente em linha direta de muitos outros delinquentes que a nossa sociedade fabricou desde as mais remotas épocas. "

E digo eu: ninguém se tome de espanto se em volta do túmulo do perigoso gatuno se fizerem, logo mais, romarias de pessoas, com velas acesas, esperando milagres de sua inocente alma! Os jornais publicaram clichê do velório de Fernando, no qual se vê uma chorosa moça a depositar flores sobre o seu esquife, alegando que o fazia... por simples gesto humano! É o começo da conversa...

O fascínio em torno dos grandes criminosos, não só no Brasil porém no mundo todo, é fenômeno que desafia os sociólogos e estudiosos dessa matéria. A Sociologia é a ciência que analisa e interpreta as causas ou questões sociais dos grupos humanos, e faz poucos dias se efetivou,

em Fortaleza, um congresso de seus cultores. Que estes aprofundem as suas pesquisas nesse tocante da fascinação que se registra em torno das atividades danosas de desajustados, olhando com simpatia, chegando a uma espécie de veneração pelos que pensam pouco, ou não pensam...

Por que bandidos, reunidos em grupos, maiores ou menores, matam friamente, defloram, estupram, saqueiam, sequestram fazendeiros para extorquir das famílias, avultadas quantias, apavoram populações inteiras, destroem, incendeiam, saqueiam, merecem tal glorificação? Glorificação de gente inculta, e glorificação, o que é mais sério, de gente altamente letrada!

Dizer filhos, tais marginais, de um chamado "caldo de cultura" é afirmação fácil. No caso do russano da Gata temos o exemplo: criou-se ele no caldo de cultura de sua cidade natal, ao lado de centenas de meninos de igual condição social e somente ele feriu o ambiente de pacatez dos outros, crescidos em boa forma, ordeiros, trabalhadores, ajustados ao seu ambiente. É que não tem base a afirmação, aliás cediça, dos efeitos do tal "caldo de cultura". O marginal, exceção – isto sim – é resultante de suas taras, de suas inclinações más, inatas, que tanto há preocupado os criminólogos de todos os continentes.

Sobre o fenômeno do banditismo no Nordeste, para seu melhor conhecimento, deve ser lido, em todas as páginas, o livro **Fanáticos e Cangaceiros**, de Abelardo Montenegro, e de sua leitura muita explicação se tirará para a devida informação acerca do assunto, desde os recursos dos tempos de nossa formação histórica até hoje.

E manifestem-se os nossos sociólogos, sem temor da complexidade da misteriosa mitologização, cuja modificação acho difícil, mas ao menos saberemos a sua razão de ser.

(Transcrito do jornal O POVO do dia 24 de outubro de 1982.)